

# DANÇAR PARA VIVER

A história de uma família que  
faz da dança sua vida

TEXTO **FERNANDA MINEIRO**  
FOTOS **GREYCE VARGAS**

**A** bailarina chega ao local pontualmente no horário de sua primeira aula do dia de ballet clássico já devidamente caracterizada: meias cor-de-rosa, malha preta, sapatilha preta e cabelo preso em um coque. Assim que entra na sala, Leslie cumprimenta carinhosamente cada uma de suas alunas, e logo começa a aula.

A dança começou na família de Leslie cedo. Sua mãe, a coreógrafa Margoth Leni Taube, 54 anos, explica que, como a filha, também começou a dançar ainda pequena. Margoth entrou para o mundo da dança aos 13 anos e nunca mais parou de dançar. "Como já vinha de uma família voltada para o meio artístico, minha introdução neste ambiente ocorreu de forma natural", enfatiza a coreógrafa. Sua mãe era professora de piano e seu pai era professor de Educação Física. Foi o próprio pai de Margoth quem a incentivou a abrir sua escola de dança, na garagem de sua casa, onde ela deu aula por cerca de quatro anos. Depois comprou uma casa e fundou de vez sua escola, a

Studio Spasso, na qual a filha é professora, em Canoas.

Leslie começa explicando para as alunas a rotina programada para aquela aula. Posteriormente, mostra um por um dos exercícios propostos para aquele ensaio, enquanto as alunas vão prestando atenção, repetindo os movimentos junto com a professora. Foi em Margoth que Leslie se inspirou para seguir a carreira de bailarina e de professora. Ainda menina, quando Margoth decidiu dançar profissionalmente, não havia no Estado uma faculdade focada na dança. O curso mais próximo desse meio era Educação Física, que acabou sendo sua opção. Depois de formada, quando surgiram cursos com enfoque na dança, realizou seu mestrado. Além de continuar com sua academia, passou a dar aulas de dança para o curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participou por nove anos do Grupo de Dança da UFRGS. Foi nesse período que Leslie, sua primeira filha, nasceu.

Desde pequena, Leslie, 25 anos, acompanhou a rotina da



*"Se pudesse expressar tudo que eu sinto com palavras, não teria a necessidade de dançar"*

**Isadora Duncan**, bailarina

mãe. Demonstrou cedo o interesse pela dança. Seu pai, também formado em Educação Física, foi mais um incentivador para que seguisse a carreira nessa área. Aos três anos de idade já começou a fazer aulas de ballet clássico. "Nunca houve pressão por parte de minha mãe", ressalta a bailarina, que também por falta de opções de cursos na área acabou cursando Educação Física.

Mas Leslie teve mais sorte que sua mãe. Neste mesmo período abriram inscrições para a primeira graduação em Dança do Estado. Leslie então cursou as duas faculdades juntas. Sua rotina começou a mudar. De manhã, preparava suas aulas para a noite. À tarde, se dedicava para o curso de Educação Física. Nas noites em que não dava aulas na escola da família, dedicava-se à faculdade de Dança.

Hoje formada nos dois cursos, Leslie explica como é a sua rotina: "Acordo bem cedo e, de manhã, é meu tempo de ficar em casa e preparar as aulas da noite. De tarde, faço cursos em Porto Alegre e à noite vou para a academia". A dançarina tem sua agenda lotada de segunda a sexta. "Na época que antecede a espetáculos e festivais, é normal ensaiarmos também aos sábados e domingos." Uma das maiores dificuldades encontradas para sobreviver neste mercado é o pouco ou nenhum incentivo à cultura por parte do governo e empresas.

### Filho de peixe

O filho caçula de Margoth, Arthur, 22 anos, não fugiu à regra da família: também formou-se em Educação Física. Mas foi o último a se envolver no mundo da dança. O interesse de Arthur por essa área começou há cerca de cinco anos. "Sempre tentei me encaixar em diversos esportes, porém foi na dança de rua que consegui encontrar satisfação", conta Arthur, que na adolescência chegou a fazer algumas aulas de ballet clássico

com sua mãe.

Atualmente, a rotina de Arthur é focada nas aulas de dança de rua e de salão, na escola da família, onde atua como professor. Além disso, participa de dois projetos gratuitos, que ocorrem na escola e não contam com nenhum patrocínio. Ambos têm o objetivo de oportunizar a crianças e adolescentes menos favorecidos a experimentação e o conhecimento da dança de rua. "É muito emocionante ver a satisfação no rosto dos alunos após a participação nos festivais", vibra Arthur.

Leslie segue nas suas aulas o cronograma preparado por ela antecipadamente. E na maioria das vezes realiza os exercícios junto com as alunas. A sala onde ocorrem os ensaios é devidamente decorada para as aulas. Tem espelhos em praticamente todas as paredes, assim como uma barra de sustentação, que serve para a realização de exercícios de apoio. Há também um aparelho de som com duas caixas amplificadoras.

A aula começa com exercícios leves, para aquecimento, que aos poucos vão aumentando de ritmo e intensidade. Ao longo dos exercícios, a professora chama a atenção das alunas para eventuais correções de postura, ao mesmo tempo em que as incentiva. No final da aula, Leslie se despede e se prepara para a próxima turma.

Há duas gerações, o mundo da arte está presente, unindo a família através da dança. "Nossa maior fonte de inspiração para continuarmos neste meio é o reconhecimento que recebemos das pessoas, é conseguir levar arte e cultura para diversos lugares e meios através da nossa dança", diz Margoth.

As alunas da turma seguinte tomam conta da sala. Leslie está pronta para começar tudo de novo. O cumprimento carinhoso indica mais uma vez a certeza de ter feito a escolha certa: viver para dançar e dançar para viver.





Leslie começou a ter aulas de ballet clássico aos 3 anos e hoje é professora

## IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Fazer a reportagem sobre a dança foi extremamente satisfatório e compensador, uma vez que foi um exercício focado na observação. Com ele, tive a oportunidade de conhecer o mundo da dança sob outro aspecto. Revelo que fiz parte dele durante um longo período da minha vida. Para a realização desta reportagem, assim que ocorreu a seleção da pauta e a indicação da colega Greyce Vargas para fotógrafa, entrei em contato com as fontes, que logo se prontificaram a conceder as entrevistas, que ocorreram em duas etapas. A primeira foi em um domingo chuvoso, na

própria escola de dança da família, onde as três fontes estavam presentes. Já a segunda parte consistiu na observação da aula de Leslie, na qual acompanhei a rotina de exercícios de ballet clássico. Posteriormente a essa etapa de recolher as informações, veio a missão de decupar as entrevistas e organizar o material para, então, finalizar a matéria. Agradeço a oportunidade de ter feito parte desta edição da **Primeira Impressão** e de poder proporcionar aos leitores um pouco mais de conhecimento sobre os bastidores do mundo da dança.